

**QUARESMA:
ORIGEM, SENTIDO E TEMPO DE ESPERANCA**



Índice

A Ressurreição de Jesus é o milagre dos milagres	3
Ciclo Pascal	3
A palavra Quaresma	3
A palavra "páscoa"	4
A celebração da Páscoa	4
Período de preparação para a Páscoa.....	5
Porquê o número quarenta?.....	5
Quarta-feira de Cinzas.....	5
O Tríduo Pascal.....	6
Semana Santa	6
Quinta-Feira Santa.....	6
O Lava-pés	7
O "mandamentum"	7
Sexta-Feira Santa	7
A Via-Sacra.....	7
Sábado Santo ou de Aleluia.....	7
A Vigília Pascal	7
Domingo de Páscoa	8
A palavra círio.....	8
As cores	9
O Jejum.....	9
Para determinar o Domingo de Páscoa	9
O Ano Litúrgico.....	11
Para saber qual o ano (A, B ou C).....	11
Para que haja Páscoa é preciso que haja vento	12

*Christus mortuus est, et resurrexit, alleluia*¹

***Entra nas nossas cidades!
Entra nas nossas casas!
Entra nas nossas vidas!***².

A Ressurreição de Jesus é o milagre dos milagres, é o principal fundamento da fé. – “Se Cristo não ressuscitou (escreveu S. Paulo aos fiéis de Corinto), é então vã a nossa pregação, é também vã a vossa fé; e somos assim mesmo convencidos como falsas testemunhas de Deus”(Co. 15, 14-15).

O Dia em que tal acontecimento se produziu, ficou consagrado ao Senhor. É o *Dies domini*, o Domingo, o dia do Senhor por excelência, dia de alegria transbordante, mistério central pelo qual Deus nos chama à vida.

E quando chega o aniversário da Ressurreição, a Igreja celebra então a mais nobre de todas as suas festas, a solenidade das solenidades, dizendo como Santo Agostinho: - “Este dia, Nobreza do ano, Luz dos meses, Excelência dos dias, Esplendor das horas; dia que o Senhor fez: - exultemos e rejubilemos nele”³.



Leitura da Bíblia. Hermann Kaulbach (1846 -1909)

Ciclo Pascal - O calendário litúrgico nasce e desenvolve-se à volta do acontecimento da Páscoa. Neste Ciclo temos: Um tempo de preparação (Quaresma); Um tempo festivo desde a Missa da Ceia do Senhor (começo do Tríduo Pascal) até ao Domingo da Oitava da Páscoa (2º Domingo da Páscoa); Um prolongamento (até à festa do Pentecostes que decorre ao quinquagésimo dia depois do domingo de Páscoa).

A palavra Quaresma era, antigamente, um simples adjetivo em latim (abreviatura de “quadragésima”), colocado no início de uma frase, passou a denominar um período do ano litúrgico. “Quadagesima die Christus pro nobis tradetur”⁴, para a nossa salvação. Hoje em dia, Quaresma é a palavra utilizada para designar o período de quarenta dias (como para os cristãos os domingos já são dedicados ao Senhor, ao invés de se contarem quarenta e sete dias neste período, só se somam quarenta), no qual os católicos realizam a preparação para a Páscoa, a

¹ *Cristo morreu, mas ressuscitou, aleluia.*

² In “Rezar na Quaresma - Ano A”, Ed. Salesianas.

³ António de Vasconcelos perpetuado nas páginas do Correio de Coimbra (1922-1941), AUC, 2000.

⁴ Daqui a quarenta dias Cristo será entregue por nós

mais importante festa do calendário litúrgico cristão, que celebra a base principal da fé cristã, a Ressurreição de Jesus⁵.

A Quaresma é um tempo forte de conversão e de mudança interior, é o período em que toda a Igreja se recolhe e se purifica para preparar a Páscoa. A espiritualidade da Quaresma é caracterizada, também, por uma atenta, profunda e prolongada escuta da Palavra de Deus que ilumina a vida. É, portanto, um tempo favorável para avaliarmos as nossas opções de vida e de trabalho, para corrigir erros e aprofundar a vivência da fé, abrindo-nos a Deus e aos outros, realizando ações concretas de fraternidade e de solidariedade⁶.

A Quaresma é um caminho com sentido obrigatório para a frente. É um caminho sempre novo, que não está feito: Será feito por cada um e à medida de cada um. Não há nada igual para ninguém, a não ser chegar ao fim deste projeto, que confluirá noutros sucessivamente novos.



A palavra "páscoa"⁷ – do hebreu "pessach", em grego "paskha" e latim "pascha" – significa "passagem" e antes de ser considerada a festa da Ressurreição, anunciava o fim do inverno e a chegada da primavera no hemisfério norte, mas, essencialmente, sempre representou a passagem de um tempo de trevas para outro de luzes.

A celebração da Páscoa⁸, nos três primeiros séculos da Igreja, não tinha um período de preparação. As Igrejas do Oriente celebravam a Páscoa no dia 14 do mês de Nissan (como os Judeus, as igrejas da Ásia acreditavam que devia ser seguida a data do sacrifício do cordeiro em Pessach, que seria a data exata da morte de Cristo) mas foi a celebração feita ao Domingo pelas Igrejas Ocidentais que prevaleceu no Concílio de Niceia (no ano de 325 d.C.), onde se determinou que seria o Domingo a seguir à Lua Cheia da Primavera (no Hemisfério Sul, Outono), depois de 21 de Março (Equinócio da Primavera), entre 22 de Março e 25 de Abril⁹.

⁵ Devemos afirmar que ninguém poderá compreender a ressurreição de Jesus por meros processos históricos irracionais. Se Jesus ressuscitou é porque entrou numa nova dimensão humana e histórica, a que chamamos meta-humana e meta-histórica. Por isso, a linguagem da ressurreição, seja ela qual for, será sempre uma meta-linguagem. Ao fim de contas, a ressurreição é sempre uma verdade de fé. A passagem do humano e histórico para o meta-humano e meta-histórico é-nos fornecida pela fé. Qualquer tentativa de explicar a ressurreição por processos exclusivamente históricos é uma tentativa falhada. In: Joaquim Carreira das Neves, Jesus Cristo História e Fé, Editorial Franciscana, Braga, 1989

⁶ Adaptado de: <http://www.catequisar.com.br/texto/materia/celebracoes/quaresma/16.htm>, [Jan.2012]

⁷ Paasfees (Afrikaans); Ostern (Alemão); Bazko (Basco); Pasqua (Catalão); Påske (Dinamarquês); Pascua (Espanhol); Pasko (Esperanto); Pääsiäinen (Finlandês); Pâques (Francês); Páscha (Grego); Easter (Inglês); Cáisg (Irlandês); Paska (Islandês); Pascha (Latim); Pasen (Neerlandês); Påske (Norueguês); Paști (Romeno); Paskha (Russo); Påsk (Sueco); Velykden (Ucraniano)....

⁸ La semana de Pascua. La Iglesia, inspirada, sin duda, em la tradición judía, prolonga la fiesta de Pascua durante siete días. Fue el origen de la octava de Pascua. Esta, en un principio, acabada el sábado puesto que se tomaba como punto de partida la vigilia Pascual. Era la celebración de la octava del solemne bautismo pascoal. In: La Celebración en la Iglesia – Ritmos y tempos de la Celebración, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1994.

⁹ Enciclopédia Católica Popular, <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>, [Jan2012].

Período de preparação para a Páscoa - As celebrações da Páscoa limitavam-se a um jejum realizado nos dias anteriores (três dias de oração, meditação e jejum). As prescrições sobre um período de preparação à Páscoa surgem por volta do ano 350 d.C.. Por ser um evento estrutural da fé cristã e por três dias serem muito pouco para a celebração deste, a igreja decidiu antecipar o Tríduo Pascal, com quarenta dias de preparação para a Páscoa.

Porquê o número quarenta? - Cada povo constrói uma simbologia própria, pelo que é provavelmente impossível explicar, em hebraico, o significado do número quarenta. Os povos antigos atribuíam-lhe diversos significados. Um deles tem importância especial para os cristãos: um tempo de intensa preparação a acontecimentos marcantes na História da Salvação. A Quaresma é uma caminhada de quarenta dias que nos conduz à Páscoa. Este número é bastante importante nas Sagradas Escrituras e no antigo testamento encontramos muitas vezes este número relacionado com momentos significativos da história bíblica: O dilúvio (Gn 7.4), preparando uma nova humanidade, purificada pelas águas; A caminhada do povo hebreu pelo deserto rumo à terra prometida (Js 5.6), tendo atravessado o mar vermelho; A caminhada do profeta Elias para se encontrar com Deus no Sinai (IRs 19.8); No NT lemos que, preparando-se para cumprir sua missão entre os homens, antes de iniciar sua vida pública, logo após ter sido batizado por João no rio Jordão, Jesus, para se preparar para a missão que o esperava, passou quarenta dias e quarenta noites no deserto (Mt 4.3; Mc 1.1; Lc 4.2).

No deserto viveu em oração e recolhimento e teve uma profunda experiência de encontro com o Pai, no entanto, as tentações que Jesus viveu são apresentadas como aquelas que também os cristãos precisam de viver na penitência de quarenta dias. Uma outra ocorrência significativa, na vida e obra de Jesus, é mencionada pelos Atos dos Apóstolos: Jesus, após a ressurreição, permaneceu na terra quarenta dias (At 1.3)¹⁰.



Monte Sinai (Horebe) e o Deserto do Sinai¹¹

Quarta-feira de Cinzas - O costume de inscrever os pecadores à penitência pública, quarenta dias antes da Páscoa, determinou a formação de uma “quadragésima” que caía no quarto domingo antes da Páscoa (“Dominica in quadragesima”). Como não se celebrava rito penitencial ao Domingo, fixou-se este ato para a Quarta-feira anterior. A Quarta-feira passou a ser dia “estacional” e, portanto de jejum. Assim nasceu a “Quarta-feira de Cinzas”. A sugestiva cerimónia das cinzas eleva as nossas mentes à realidade eterna que não passará jamais, a Deus. A conversão consiste em voltar para Deus, valorizando as realidades terrenas sob a luz da verdade. Uma valorização que implica uma consciência cada vez mais clara de que estamos de passagem na terra. Sinónimo de “conversão”, é também a palavra “penitência”¹².

¹⁰ Wikipedia a Enciclopédia livre, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quaresma> [Jan.2012].

¹¹ Por mandamento, Moisés trouxe os israelitas para esta montanha, a fim de receber a lei de Deus. Esta foto mostra um lugar tradicional do Monte Sinai. As montanhas mais altas são os picos de Jebel Musa (Montanha de Moisés). Há vários locais possíveis para o Monte Sinai. Um dos locais preferidos é o Jebel Musa, In <http://scriptures.lds.org/pt/biblephotos/2> [Jan.2012].

¹² Penitência sugere-nos a mudança de mentalidade e exprime o livre esforço no seguimento de Cristo.

A palavra cinzas provem dos ramos bentos no Domingo de Ramos do ano anterior. A cinza é o símbolo da fragilidade e pequenez humanas. Abraão continuou: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, embora eu seja pó e cinza” (Gén. 18,27). É um dos mais antigos sinais de penitência e o Antigo Testamento está repleto de passagens que o confirmam. Por exemplo, Job diz a Deus: “Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinzas.” Job (42,5-6). Uma das fórmulas proferidas pelo presidente da celebração ao impor as cinzas é esta: “Lembra-te, homem que és pó da terra, e à terra hás-de voltar” (Gén 3,19). O rito da imposição das cinzas dentro da missa substitui o Ato Penitencial, e realiza-se depois da homilia¹³.

O Tríduo Pascal - Paixão, Morte e Ressurreição - tem o seu início com a Missa de Quinta-Feira Santa, tendo o seu momento mais alto na Vigília Pascal e terminando com as Vésperas da Ressurreição. Assim, não podemos identificar a Páscoa apenas com o Domingo da Ressurreição. Isso seria mutilar uma realidade extremamente rica e reduzir-lhe as dimensões.

Compreende-se, portanto, a importância deste Tríduo Pascal. Dele derivam todas as outras solenidades, que não são senão ecos deste Acontecimento Salvífico, fazendo com que o culto cristão seja um culto pascal. Ele é o centro de convergência e de irradiação da vida da Igreja, pois o Mistério cristão compreende-se no Mistério Pascal, que dá cumprimento à História da Salvação¹⁴, enquanto inaugura, com os tempos messiânicos, a existência histórica da Igreja¹⁵. O Tríduo Pascal engloba as celebrações da Missa da Ceia do Senhor (5ª Feira Santa), Celebração da Paixão do Senhor (6ª Feira Santa), a grande proclamação da Ressurreição de Jesus, na noite de Sábado para Domingo, denominada Vigília Pascal, e o próprio dia de Domingo de Páscoa. É tempo de grande intensidade e nos três dias que compõem este tempo, somos convidados, a percorrer o itinerário de Jesus¹⁶.

Semana Santa

Quinta-Feira Santa - Missa da Ceia do Senhor

“Ora, se Eu o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros”. (Jo 13,14-15). A Quinta-feira Santa é o último dia da Quaresma e, a partir da Missa Vespertina da Ceia do Senhor, inicia-se o Tríduo Pascal. É o dia em que Cristo, na sua ceia de despedida, antes da morte, instituiu a Eucaristia e deu a grande lição de humildade e de serviço, lavando os pés aos seus apóstolos e os constituiu sacerdotes mediadores da Palavra, dos seus sacramentos e da sua salvação.



Lava-pés

¹³ Pedrosa Ferreira, Viver a Quaresma, Edições Salesianas.

¹⁴ Porta é o tema central da parábola do Bom Pastor, a única parábola do texto joanino, ainda que não tenha a estrutura nem a forma das parábolas dos sinóticos “Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não lhes prestaram atenção. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há-de entrar e sair e achar pastagem” (10, 7-9), São João, Apresentação de João Bernad da Costa, Três Sinais Editores, 2001.

¹⁵ Missal Popular Dominical, Gráfica de Coimbra, 1993.

¹⁶ Caminhada Quaresma 2011, Diocese de Aveiro: Secretariados da Educação Cristã.

O **Lava-pés** é um dos ritos mais antigos e mais universais da Igreja. Após a explicação da palavra de Deus, o presidente da celebração repete o gesto que Cristo havia feito com os seus Apóstolos (amor de serviço). Este gesto sublinha que a fraternidade concreta dos discípulos do Mestre é um mandamento, razão pela qual o rito foi outrora chamado: O “**mandamentum**”, o mandamento novo, sinal distintivo do cristão¹⁷.

Sexta-Feira Santa

... Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede!” (Jo 19,28-30)

É na sexta-feira santa que celebramos, em Igreja, de forma especial, a Paixão e Morte de Jesus Cristo. Neste dia, a Igreja não celebra Missa. A celebração deste dia divide-se em três partes: Liturgia da Palavra, Adoração da Cruz e Comunhão Eucarística. A celebração da Paixão e Morte de Jesus tem, para nós cristãos, a finalidade de nos fazer entrar com maior profundidade no Mistério Pascal e de nos preparar para a Vigília de Sábado Santo.



A **Via-Sacra**, “caminho sagrado” (o caminho de Jesus até a morte de cruz), é um ato de piedade – muitas vezes em forma de caminhada – no qual se reza e se medita sobre 14 episódios (estações¹⁸) da Sexta-feira Santa, desde a condenação à morte até sepultar Jesus. Há vários formulários de Via-Sacra e ultimamente, com muita razão, acrescentou-se a 15ª Estação – a Ressurreição de Jesus, pois a morte não venceu ou derrotou.

Sábado Santo ou de Aleluia

“José (de Arimateia) tomou o corpo, envolveu-O num lençol limpo e depositou-O num túmulo novo, ...”. (Mt 27,59-60)

Participando do mistério da morte de Jesus e do Seu sofrimento, reina a esperança. Neste dia não se celebra a Eucaristia nem qualquer outro sacramento, a não ser a Confissão e a Unção dos Enfermos.

A **Vigília Pascal** celebra-se na Noite do Sábado Santo. Vigília significa exatamente tempo da noite em que não se dorme, mas se vigia, em que se está de vela, e, no caso da liturgia, uma celebração noturna. A noite foi sempre tempo preferido para a oração. Jesus deu exemplos frequentes de oração durante a noite, e a tradição cristã continuou a mesma prática.

¹⁷ CORDEIRO, José Leão Cordeiro, Os dois primeiros dias do Tríduo Pascal, em A Celebração do Mistério Pascal – Tríduo Pascal, Secretariado Nacional de Liturgia, 1990.

¹⁸ Primeira estação – Jesus é condenado à morte; Segunda – Jesus recebe a sua cruz; Terceira – Jesus cai pela primeira vez; Quarta – Jesus encontra a sua mãe; Quinta – Simão Cireneu ajuda Jesus a levar a cruz; Sexta – Uma piedosa mulher enxuga a face de Jesus; Sétima – Jesus cai pela segunda vez; Oitava – Jesus consola as filhas de Jerusalém; Nona – Jesus cai pela terceira vez; Décima – Jesus é despojado das suas vestes; Décima primeira – Jesus é pregado na cruz; Décima segunda – Jesus morre na cruz; Décima terceira – Jesus é descido da cruz e entregue à sua Mãe; Décima Quarta – Jesus é colocado no sepulcro. In Jose María Escrivá, Via Sacra, Editora Reis dos Livros, 1996.

Neste tempo em que somos convidados a estarmos vigilantes, à espera da Ressurreição do Senhor, somos também chamados a celebrar, com esperança e alegria, o grande acontecimento da Salvação.

Domingo de Páscoa

“No Domingo muito cedo, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro” (Mt 28,1). O anjo disse-lhes: “Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito... Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá O vereis.” (Mt 28,5-7).

... Depois disse a Tomé: “Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas crente.” (São João 20,27).



A palavra círio chega-nos do latim "cereus", de cera. O círio mais importante é o que é aceso na Vigília Pascal, como símbolo de Cristo – Luz (dos povos). O círio pascal é o símbolo mais destacado e é, talvez, o sinal mais próprio, intenso e expressivo das celebrações pascais: ele é o símbolo de Cristo ressuscitado. O círio impõe-se pelas suas dimensões e pela nobreza da sua substância: o uso de cera branca de abelha é de tradição antiquíssima na Igreja e obrigatório. Por isso, seria imperdoável usar o círio de outros anos, pois a Páscoa é a renovação de tudo¹⁹.

O Círio, que tem uma inscrição em forma de cruz, acompanhada da data do ano e das letras Alfa e Omega, a primeira e a última do alfabeto grego, princípio e fim do tempo e da eternidade, lembrando o Cristo completo e o Deus eterno. O Círio Pascal tem incrustado na sua cera cinco cravos de incenso simbolizando as cinco chagas santas e gloriosas do Senhor da Cruz, a doação de uma vida inteira em favor da humanidade.

A luz do Círio Pascal simboliza a alegria da fé Naquele que, por nós, deu a vida e que brilhou no meio da escuridão. Por isso, esta celebração realiza-se, há séculos, com as luzes da Igreja apagadas para lembrar exatamente isto: O “não” do ser humano e o “sim” de Deus. O “não” do homem gera as trevas, a escuridão²⁰.

Entramos na igreja seguindo esse Círio, aclamando-o “A luz de Cristo” e nele acendemos as velas que cada um transportará. É um símbolo muito expressivo de que a “Páscoa de Cristo” tem que ser também a nossa “Páscoa pessoal”.



¹⁹ <http://sede-de-deus.blogspot.com/2007/04/cirio-pascalluz-de-cristo.html> [Jan.2012].

²⁰ <http://paroqueadeaparecida.com.br/blog/2010/03/29/entenda-o-sentido-do-cirio-pascal/> [Jan.2012].

O Círio Pascal ficará aceso em todas as celebrações durante as sete semanas do tempo pascal, ao lado do *ambão da Palavra*, até à tarde do domingo de Pentecostes. Uma vez concluído o tempo Pascal, o Círio é conservado no batistério.

O Círio Pascal também é usado durante os batismos e as exéquias, quer dizer no princípio e no término da vida temporal, para simbolizar que um cristão participa na “Luz de Cristo” ao longo de todo o seu caminho terreno.

As cores têm um sentido simbólico, não só na Quaresma, mas em todo o tempo litúrgico. Na Quaresma a cor litúrgica é o roxo, cor séria e austera, que significa luto e penitência, embora no tempo da quaresma não signifique luto, antes simboliza que a igreja está a preparar-se espiritualmente para a grande festa da Páscoa e é a mistura do humano (vermelho) com o divino (azul). O Pentecostes, a dádiva do Espírito, que é fogo e amor, celebra-se de vermelho. Na Páscoa, utiliza-se o branco, a cor da festa, da alegria, da pureza pascal.

O Jejum²¹ era um elemento da prática religiosa israelita. Todavia, ele era também praticado por pessoas de muitas religiões antigas, tendo por objetivos principais o sinalizar o pesar de alguém, o falecimento de um ente querido, mostrar o sentimento de arrependimento por um gesto indevido, antecipar uma tomada de decisão difícil ou iniciar uma missão difícil.

Jejuar significa abster-se de algo. O jejum, para o cristão, não será total, consistindo em fazer uma só refeição forte ao dia. A abstinência consiste em não comer carne. A Quarta-feira de Cinzas e a Sexta-feira Santa são dias de abstinência e jejum. A abstinência é obrigatória a partir dos 14 anos e o jejum dos 18 aos 59 anos de idade.

Com estes sacrifícios, tenta-se que todo o nosso ser (alma e corpo) participe num ato onde reconheça a necessidade de fazer obras com as quais reparemos o dano causado pelos nossos pecados.

O **Dia da Páscoa**, por definição, é o primeiro Domingo depois da lua cheia que ocorre após o equinócio invernal (entre 22 de março e 25 de abril). A sequência dos dias de Páscoa repete-se em ciclos de, aproximadamente, 5.700.000 anos. As fórmulas existentes calculam o que se convencionou chamar de “Cálculo Eclesiástico”, quando em 325 o Concílio de Niceia assim definiu:

- O Carnaval é festejado 47 dias antes da Páscoa, entre 4 de fevereiro e 9 de março.
- “Corpus Christi”²² surge 60 dias depois da Páscoa, entre 21 de maio e 24 de junho.

Para determinar o Domingo de Páscoa, pode-se utilizar a fórmula que se transcreve a seguir, onde o Ano deve ser introduzido com 4 dígitos. O operador *MOD* é o (resto da divisão inteira) e a fórmula pode ser estendida para outros anos, alterando X e Y conforme a tabela.

Faixa de anos	X	Y
1582 1599	22	2
1600 1699	22	2
1700 1799	23	3
1800 1899	24	4
1900 1999	24	5
2000 2099	24	5
2100 2199	24	6
2200 2299	25	7

²¹ Na língua hebraica *sum*, é a abstenção de alimento durante um espaço de tempo.

²² Dia de Corpo de Deus.

Por exemplo, para um Ano entre 1901 e 2099, faz-se: $X=24$
e $Y=5$

- a = Ano MOD 19
- b = Ano MOD 4
- c = Ano MOD 7
- d = $(19 \times a + X) \text{ MOD } 30$
- e = $(2 \times b + 4 \times c + 6 \times d + Y) \text{ MOD } 7$
- Se a soma (d + e) for superior a 9 então faz-se,
- Dia = (d + e - 9)
- Mês = abril
- Caso contrário, Dia = (d + e + 22) e Mês = março



Tábua medieval da Escandinávia, em escrita rúnica, para cálculo da data da Páscoa²³

Há dois casos particulares que só acontecerão em 2049 e 2076:

- Quando o resultado final for igual a 26 de abril, corrige-se para uma semana antes (dia 19);
- Quando o resultado “d” final for igual a 25 de abril, o termo “d” for igual a 28 e, simultaneamente, “a” maior que 10, então o dia é corrigido para 18.

Para calcular a Terça-feira de Carnaval, basta subtrair 47 dias do Domingo de Páscoa. Para calcular a Quinta-feira de Corpus Christi, soma-se 60 dias ao Domingo de Páscoa.

Vejamos o que se passa no ano de 2012: fazendo ANO = 2012, vem,

- a = 2012 MOD 19 = 17 (O resto da divisão inteira de 2012 por 19 é 17)
- b = 2012 MOD 4 = 0
- c = 2012 MOD 7 = 3
- d = $(19 \times 17 + 24) \text{ MOD } 30 = 17$
- e = $(2 \times 0 + 4 \times 3 + 6 \times 17 + 5) \text{ MOD } 7 = 0$
- d + e = 17 + 0 = 17

Logo o Domingo de Páscoa, no ano de 2012, calha a 8 de abril, o Carnaval a 21 de fevereiro e “Corpus Christi” a 7 de junho.

Cálculo da Páscoa, Carnaval e Corpus Christi ²⁴											
Ano	a	b	c	d	e	d+e	Dia	Mês	Páscoa	Carnaval	Corpus Christi
2010	15	2	1	9	4	13	4	abril	04-Abr-10	16-Fev-10	03-Jun-10
2011	16	3	2	28	5	33	24	abril	24-Abr-11	08-Mar-11	23-Jun-11
2012	17	0	3	17	0	17	8	abril	08-Abr-12	21-Fev-12	07-Jun-12
2013	18	1	4	6	3	9	31	março	31-Mar-13	12-Fev-13	30-Mai-13
2014	0	2	5	24	5	29	20	abril	20-Abr-14	04-Mar-14	19-Jun-14
2015	1	3	6	13	1	14	5	abril	05-Abr-15	17-Fev-15	04-Jun-15
2016	2	0	0	2	3	5	27	março	27-Mar-16	09-Fev-16	26-Mai-16
2017	3	1	1	21	4	25	16	abril	16-Abr-17	28-Fev-17	15-Jun-17
2018	4	2	2	10	0	10	1	abril	01-Abr-18	13-Fev-18	31-Mai-18
2019	5	3	3	29	1	30	21	abril	21-Abr-19	05-Mar-19	20-Jun-19
2020	6	0	4	18	3	21	12	abril	12-Abr-20	25-Fev-20	11-Jun-20

²³ Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A1culo_da_P%C3%A1scoa, [Jan.2012].

²⁴ Texto e tabelas adaptadas de: <http://inf.ufrgs.br>, [Jan.2012].

O Ano Litúrgico é a sobreposição de percurso do ano normal com os mistérios da vida de Cristo²⁵ que passam por três ciclos, também denominados de anos A, B, C (o modo como foram distribuídos os evangelhos dominicais). Grosso modo, o Ano A corresponde a Mateus, o Ano B, a Marcos, o Ano C, a Lucas. Na Quaresma, João participa diretamente dos três. Assim, podemos ver a seguinte tabela um esquema destes ciclos:

ESQUEMA TEMÁTICO DAS LEITURAS DOS DOMINGOS DA QUARESMA		
Domingo da Quaresma	Ano	Evangelho
I Domingo das Tentações	A	Mateus 4,1-11
	B	Marcos 1,12-15
	C	Lucas 4,1-13
II Domingo das Transfiguração	A	Mateus 17,1-9
	B	Marcos 9,2-10
	C	Lucas 9,28b-36
III	A	João 4,5-42
	B	João 2,13-25
	C	Lucas 13,1-9
IV	A	João 9,1-41
	B	João 3,14-21
	C	Lucas 15,1-3.11-32
V	A	João 11,1-45
	B	João 12,20-33
	C	João 8,1-11
VI Domingo de Ramos	A	Mateus 26,14-27,66 (Paixão segundo São Marcos)
	B	Marcos 14,1-15,47 (Paixão segundo São Marcos)
	C	Lucas 22,14-23,56 (Paixão segundo São Lucas)

Uma visão geral do conjunto dos três anos permite-nos concluir não só uma unidade temática que proclama em cada ano o essencial do Mistério Pascal na História, nas Alianças e no Culto, mas ainda uma unidade crescente e evolutiva em todos os anos, de modo que, de Domingo a Domingo (nos três ciclos anuais), percorre-se em cada ano a evolução do Mistério Pascal, desde a primeira à última Criação.

Para saber qual o ano (A, B ou C), divide-se o ano por três. Se o resto for 2, o ano é B; Se o resto for 1, o ano é A; Se o resto for 0, o ano é C, isto é, parte-se do princípio que o ano que é múltiplo de 3 é do ciclo C.

Doutra forma, para saber se um número é múltiplo de 3, basta somar todos os algarismos, e se o resultado for múltiplo de 3, o número também o é. Exemplo:

- 2011 = 2 + 0 + 1 + 1 = 4 = (3) + 1 = A
- 2012 = 2 + 0 + 1 + 2 = 5 = (3) + 2 = B
- 2013 = 2 + 0 + 1 + 3 = 6 = C

²⁵ In versão portuguesa de Youcat (Jugendkatechismus Der Katholischen Kirche), Paulus Editora, 2011



A Páscoa é resultado de crenças e hábitos que o tempo se encarregou de misturar e adaptar consoante a época, ou religião. Sofreu algumas alterações de carácter secundário, contudo, nunca modificou o seu sentido de memória dos grandes atos de Deus em favor do Povo.

Permanece inalterável o facto de ser um momento de alegria e comunhão com a família. Tempo espiritual, proporciona novas perspectivas, novos horizontes de vida, de fé, de esperança e de encorajamento.

Se tudo tivesse terminado naquela cruz, o acontecimento “Jesus de Nazaré” teria acabado como um sonho lindo. O que dá a Jesus plenitude é a Ressurreição. Quando ele se referia, ao longo da sua vida histórica, ao seu fim, como chave para a interpretação todo o seu ser, referia-se à Sua morte e aos acontecimentos que se seguiram, a que chamamos de “mistério pascal”.

A vida de Jesus não foi a de um profeta revolucionário e político, porque toda ela se orienta para um fim e um futuro. Ele disse várias vezes que a sua pessoa só seria compreendida a partir do seu fim, impreciso e misterioso, esclarecedor de tudo.

E o Credo da fé cristã afirma que Jesus morreu numa Cruz, foi sepultado e, finalmente, ressuscitou!

Não há verdade nem mentira no narrado. A verdade é relativa e funcional e só a verdade de Deus é total e absoluta. Assim, resgata-se deste modo um pouco do sentido das festas e celebrações desta quadra e, simultaneamente, reflete-se sobre o sentido da vida humana.

Páscoa é aconchego, é luz, é pureza, é dignidade. É semente que germina, é mundo novo...
Para que haja Páscoa é preciso amar, servir e acolher.

Para que haja Páscoa é preciso que haja vento, claridade e verdade.

É preciso que cada um tenha um pouco de luz e de fé!

Dominus vobiscum²⁶

²⁶ O Senhor esteja convosco.

Curiosidades

A ausência de fermento no pão - O povo bíblico procurou explicar este motivo através da história, chamando-o "pão da pressa". Entre as mais primitivas disposições da Páscoa está recomendação de que essa refeição deve ser feita "às pressas", porque foi no inesperado da calada da noite que os escravos hebreus saíram do Egito.

Em segundo lugar, a ausência de fermento no pão está relacionada com a renovação da vida. Não se pode misturar o antigo com o novo. Precisa-se criar um novo fermento que dará o sentido para a nova vida, agora, em liberdade, na terra de Javé.

O Carneiro ou a Ovelha encontram grande carinho do povo bíblico²⁷. Inicialmente, Israel foi um povo das estepes que circundavam as cobiçadas regiões agrícolas; após a chegada a Canaã, o povo bíblico alcançou as montanhas da Palestina, e somente, mais tarde, é que eles conquistaram as planícies, tornando-se agricultores. Assim, o carneiro e a ovelha fizeram parte da história do povo bíblico nas duas primeiras fases de sua vida. Além de alimentar e proteger o povo do frio, esse animal era o símbolo da mansidão.

A refeição pascal e o sacrifício do cordeiro deveria ser realizado no crepúsculo do dia 14 do 1º mês do ano e sustenta a importância da família para a sobrevivência futura do povo bíblico; o valor da mesa de refeição não é somente para o alimento físico, mas também serve para o fortalecimento dos laços comunitários e com Deus; essa reunião destinava-se a manter viva a memória de libertação do povo, através da dramatização dos fatos ocorridos durante o processo de fuga da escravidão egípcia

O ovo sempre simbolizou a fertilidade, fecundidade, no fundo, a criação e antes da Cristandade as ofertas de ovos simbolizavam a festa da fertilidade, trazida pela Primavera.

A tradição de embelezar os ovos dados na Páscoa, ou, neste caso, na Festa da Primavera, vem da China²⁸, do trabalho minucioso e paciente dos chineses. Estes, embrulhavam ovos naturais em cascas de cebola e cozinhavam-nos com beterraba. Ao retirá-los do fogo, os ovos ficavam com desenhos mosqueados na casca. Este costume rapidamente chegou ao Egito, os quais também começaram a oferecer ovos coloridos e desenhados, por altura da Festa da Primavera.

Existem povos que acreditam que a origem do mundo está no ovo cósmico que se subdividiu em dois, formando o Céu e a Terra.

A história do Hawai conta que esta ilha foi originada a partir de um ovo, posto nas águas por um pássaro gigante. Já os Anglo-Saxónicos dão ao ovo a razão da criação do Mundo: da gema nasceu o globo terrestre, da clara, o firmamento e a atmosfera e, da casca, a esfera celeste e os astros.

Na Austrália reza a lenda que a Terra se encontrava na escuridão absoluta até um homem lançar um ovo no espaço que se transformou em Sol. É comum encontrar-se em documentos



²⁷ A temática apresenta várias referências no NT: Jesus é o Bom pastor e nós as ovelhas, por exemplo.

²⁸ Figura em: <http://ua.textreferat.com/referat-9634-1.html>, [Fev2012].

antiquíssimos que o primeiro homem adveio de um ovo, ou que de um ovo nasceu Eros, o Deus grego do Amor, ou dizer-se que os heróis nascem de ovos, ao invés de nascerem de parto. No Cristianismo está também presente a simbologia dos ovos. Simão de Cirene, o homem que ajudou Cristo a suportar a cruz até ao Calvário, diz-se que era um comerciante de ovos. As ofertas em forma de ovo, como presentes de Páscoa, apareceram no séc XV, na Alsácia e rapidamente este uso se espalhou pelo mundo. Os ovos de chocolate surgem no séc. XVII, com o início do desenvolvimento da indústria do chocolate e vieram substituir os ovos naturais²⁹.

Theobroma é o nome dado pelos gregos ao "alimento dos deuses", o chocolate. "Theobroma cacao" é o nome científico desse doce chamado chocolate. Quem o batizou assim foi o botânico sueco Linneu, em 1753. Mas foi com os Maias e os Astecas que toda esta história começou, tanto mais que estas duas civilizações o consideravam sagrado (tal como o ouro).

Na Europa chegou por volta do século XVI, tornando-se rapidamente popular aquela mistura de sementes de cacau torradas, trituradas e misturada com água, mel e farinha, assim, durante muito tempo o chocolate foi consumido apenas como uma bebida.

Em meados do séc. XVI, acreditava-se que, além de possuir poderes afrodisíacos, o chocolate dava poder e vigor aos que o bebiam. Por isso, era reservado apenas aos governantes e soldados. Aliás, além de afrodisíaco, o chocolate já foi considerado um pecado, remédio, ora sagrado, ora alimento profano.

Os astecas chegaram a usá-lo como moeda, tal o valor que o alimento possuía. Chega o século XX, e os bombons e os ovos de Páscoa são criados, como mais uma forma de estabelecer de vez o consumo do chocolate no mundo inteiro.



A Lenda de Ostra ou Eostre - "Ostra tinha uma especial afeição por crianças. Onde quer que ela fosse, elas a seguiam e a deusa adorava cantar e entretê-las com a sua magia. Um dia, Ostra estava sentada num jardim com crianças quando um amável pássaro voou sobre elas e pousou na mão da deusa. Ao dizer algumas palavras mágicas, o pássaro transformou-se no animal favorito de Eostre, uma lebre.

Com o passar dos meses, as crianças repararam que a lebre não estava feliz com a transformação porque não podia cantar nem voar. Pediram então as crianças a Eostre que invertesse a transformação. Ela tentou, mas não conseguiu desfazer o feitiço. A magia já estava feita e nada poderia invertê-la. Eostre decidiu esperar até que o inverno acabasse, pois nesta época os seus poderes estavam mais fracos.

A lebre assim permaneceu até que, então, a primavera chegou e Eostre pôde transformar a lebre em pássaro novamente. Agradecido, o pássaro pôs ovos em homenagem a Eostre.



²⁹ www.mulherportuguesa.com/gravidez-a-familia/familia/1752, [Jan2012].

Em celebração da sua liberdade e em honra das crianças que tinham pedido a Eostre que lhe concedesse a sua forma original, o pássaro, transformado em lebre novamente, pintou os ovos e distribuiu-os pelo mundo. Para lembrar às pessoas do seu ato tolo de interferir no livre-arbítrio de alguém, Eostre entalhou a figura de uma lebre na lua, que pode ser vista até hoje”³⁰.

A lenda do folar da Páscoa é tão antiga que se desconhece a data da sua origem. Reza a lenda que, numa aldeia portuguesa, vivia uma jovem chamada Mariana que tinha como único desejo na vida o de casar cedo. Tanto rezou a Santa Catarina que a sua vontade se realizou e logo lhe surgiram dois pretendentes: um fidalgo rico e um lavrador pobre, ambos jovens e belos. A jovem voltou a pedir ajuda a Santa Catarina para fazer a escolha certa. Enquanto estava concentrada na sua oração, bateu à porta Amaro, o lavrador pobre, a pedir-lhe uma resposta e marcando-lhe como data limite o Domingo de Ramos. Passado pouco tempo, naquele mesmo dia, apareceu o fidalgo a pedir-lhe também uma decisão e Mariana ficou sem saber o que fazer. Chegado o Domingo de Ramos, uma vizinha foi muito aflita avisar Mariana que o fidalgo e o lavrador se tinham encontrado a caminho da sua casa e que, naquele momento, travavam uma luta de morte. Mariana correu até ao lugar onde os dois se defrontavam e foi então que, depois de pedir ajuda a Santa Catarina, Mariana soltou o nome de Amaro, o lavrador pobre.

Na véspera do Domingo de Páscoa, Mariana andava atormentada, porque lhe tinham dito que o fidalgo apareceria no dia do casamento para matar Amaro. Mariana rezou a Santa Catarina e a imagem da Santa, ao que parece, sorriu-lhe. No dia seguinte, Mariana foi pôr flores no altar da Santa e, quando chegou a casa, verificou que, em cima da mesa, estava um grande bolo com ovos inteiros, rodeado de flores, as mesmas que Mariana tinha posto no altar. Correu para casa de Amaro, mas encontrou-o no caminho e este contou-lhe que também tinha recebido um bolo semelhante. Pensando ter sido ideia do fidalgo, dirigiram-se a sua casa para lhe agradecer, mas este também tinha recebido o mesmo tipo de bolo. Mariana ficou convencida de que tudo tinha sido obra de Santa Catarina.

Inicialmente chamado de *folore*, o bolo veio, com o tempo, a ficar conhecido como folar e tornou-se numa tradição que celebra a amizade e a reconciliação. Durante as festividades cristãs da Páscoa, o afilhado costuma levar, no Domingo de Ramos, um ramo de violetas à madrinha de batismo e esta, no Domingo de Páscoa, oferece-lhe em retribuição um folar³¹.



³⁰ <http://www.culturabrasil.org>, [Jan2012].

³¹ [www.infopedia.pt/\\$lenda-do-folar-da-pascoa](http://www.infopedia.pt/$lenda-do-folar-da-pascoa) [Jan2012].



*Ressurreição, painel do retábulo da capela-mor da Sé de Viseu.
Escola Flamenga, inícios do séc. XVI*